

FACON – Faculdade de Conchas (Polo Casa Tombada)

Pós graduação em Contação de Histórias

Lilian Athie Abdalla

As histórias e o ato de contá-las para os velhos de hoje

São Paulo

2020

Agradecimentos

“Quando um avô fica quietinho, com o olhar perdido no passado, não perca a ocasião. Tal como Aladim da lâmpada maravilhosa, você descobrirá os tesouros da memória”

(Ecléa Bosi)

Agradecimentos

À minha filha e colega de profissão Mariana Athie Cunha, pelas trocas, apoio intelectual e afetivo, além de ter feito a revisão desse artigo.

Ao Giuliano Tierno que, tantas vezes, o destino o colocou no meu caminho e quem acreditou e confiou na minha capacidade.

A Gislayne Matos pelos ensinamentos e generosidade.

A Sandra Lessa por ter me colocado no caminho das histórias de vida.

Aos colegas da turma X da pós-graduação da Casa Tombada.

E a todos os professores de caminhada na trilha das histórias como: Célia Gomes, Simone Grande e Cristiana Ceschi.

FACON – Faculdade de Conchas (Polo Casa Tombada)

Pós graduação em Contação de Histórias

Lilian Athie Abdalla

“As histórias e a contação para o velho de hoje”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a curso superior da Faculdade de Conchas – Polo Casa Tombada como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Pós Graduação em Contação de Histórias, sob a orientação do Dr. Giuliano Tierno Siqueira.

São Paulo

2020

Resumo

Este ensaio fala da importância do contato com as histórias para a faixa etária da terceira idade principalmente no mundo de hoje. O trabalho parte das experiências pessoais e profissionais da autora, que constrói a discussão fazendo uso de contos autorais que falam de seu passado e sua relação, desde a infância, com os velhos, com a arte e com a escola, temas que constroem a base que respalda a hipótese de que a contação de histórias realmente pode fazer a diferença no cuidado com o velho. A pesquisa se baseia em uma oficina de contação de história realizada para idosos em 2019, na cidade de São Paulo, a partir da qual traça o perfil do velho de hoje, fazendo um breve paralelo com a peça de Samuel Becket, *Esperando Godot*. Por fim, o texto vai além na relação do ancião com as histórias trazendo contos que possuem o velho em seu papel histórico de sábio – papel deixado de lado nos dias de hoje pelos mecanismos da vida pós-moderna.

Palavras-chave: *contação de histórias; velhice; velho/idoso.*

Abstract

This essay is about the importance of stories to the elderly especially in today's world. The text is based on the author's personal and professional experiences which raises the discussion using stories by the author who speak of her past and her relationship, since her childhood, with the elderly, with art and with school – subjects that support the hypothesis that storytelling can really make a difference in caring for the elderly. The research is based on a storytelling workshop held in 2019 in the city of São Paulo, from which the author traces the profile of the elderly today making a brief parallel with Samuel Becket's play, *Waiting for Godot*. Finally, the text goes further in the relationship between the elder and the stories, bringing tales that bring the elderly playing the role of a sage, of a wise man, role left aside today by the mechanisms of postmodernity.

Keywords: *storytelling; old age; old/elderly.*

Sumário

1. Introdução	p. 4
2. O Mundo (des)encantado	p. 5
3. Trajetória	p. 7
3.1 A menina e a velha	p. 7
3.2 A menina e a arte	p. 8
3.3 A menina e a escola	p. 9
3.4 De aluna a professora	p. 10
4. Oficina <i>Vivência com Histórias</i>	p. 10
5. O Velho	p. 11
5.1 O perfil do velho hoje	p. 13
5.2 Seu Orlando	p. 14
5.3 Eunice	p.15
5.4 O velho, a morte e as histórias	p. 15
5.4.1 As histórias para os velhos	p. 16
6. Considerações finais	p. 17
Referências	p. 19
Anexo 1 – “O Buquê”, conto de Lilian Abdalla	
Anexo 2 – “Livrar-se dos velhos”, conto da tradição oral japonesa	
Anexo 3 – “A Mensagem”, conto popular da tradição oral	

“As histórias e a contação para o velho de hoje”

1. Introdução

O momento presente é feito de rápidas transformações, o que inclui o crescente envelhecimento do país. Considerando a crise previdenciária responsável pela precariedade da qualidade de vida dos idosos no Brasil, pode-se dizer que o panorama para a *melhor idade* não é das melhores, pelo menos não para a grande maioria.

Nos últimos anos observou-se uma mudança considerável na atenção aos idosos. Hoje, há lugares de prioridade, e até exclusividade, nos meios de transporte, filas, centros culturais, faculdades, enfim. Houve uma expansão de espaços públicos destinados à idade madura, o que se torna cada vez mais necessário de fato. Porém, será que a sociedade está preparada para tal demanda? Será que, as atividades oferecidas aos idosos levam em conta suas reais necessidades?

Com foco nas histórias e na contação de histórias, este presente ensaio tenta desvendar as carências quase que negligenciadas pela sociedade e dar atenção apropriada ao idoso não apenas ocupando, distraindo e entretendo, mas tratando de seu lado emocional, criativo e espiritual através das atividades lúdicas propostas a eles.

Para tanto, este trabalho segue primeiramente apresentando o teor do mundo de hoje, que contextualiza de modo geral o espaço ocupado pelo velho agora, discutindo brevemente o processo de *desencantamento do mundo*, de Max Weber, que permeia a dualidade entre *trabalho e magia* no mundo moderno.

Com ótica bem pessoal, o artigo segue traçando a trajetória da autora através da contação de histórias, primeiro sobre a sua infância e o contato com seus avós (*A menina e a velha*); depois, sobre a descoberta de seu interesse pela arte (*A menina e a arte*); então, passando pelo relacionamento com a escola (*A menina e a escola*); para, por fim, contar um pouco sobre o que motivou seguir carreira como professora (*De aluna a professora*) antes de tornar-se contadora de histórias.

Como contadora e professora de contação, a autora parte da experiência com a terceira idade na oficina de contação *Vivência com Histórias*, em 2019, para embasar uma segunda parte do trabalho,

cujo enquadramento passa a focar diferentes aspectos da velhice: suas denominações (*terceira idade, melhor idade*) e definições; o *status* de idoso; e o conceito de velhice hoje, até chegar em seu papel histórico de detentor da sabedoria.

Ao tratar do perfil do velho hoje, é feita uma relação com os personagens que compõem a emblemática peça *Esperando Godot*, de Samuel Becket, do qual são extraídos os dois perfis estereotipados principais de velhos: os *quietos* em oposição aos *falantes*. Dois contos da autora exemplificam esses *tipos* – *Seu Orlando*, mais calado, retraído; e *Eunice*, mais tagarela, extrovertida – afim de embasar a discussão sobre a importância das histórias para ou na “*última idade*”.

Para explorar mais afundo o papel do ancião como o sábio, este artigo relaciona diretamente o velho e as histórias trazendo alguns contos que trazem o velho como parte fundamental da trama, passando, também, pelo tema tabu da *morte*.

E, por fim, antes de concluir sobre a relevante possibilidade de *trabalhar* histórias com a terceira idade, indo *além* de apenas contar-lhes histórias, este trabalho científico evoca ideias de Ecléia Bosi sobre a memória/lembrança/recordação na fase final da vida.

2. O Mundo (des) encantado

Há muito, muito tempo atrás, tudo era uma coisa só. O mundo era uno. Não havia divisão entre religião, trabalho, lazer ou educação. Aos poucos, fomos criando setores para cada faceta da vida. O mundo espiritual e a arte foram para um lado. O trabalho e a educação para o outro. E, quanto mais distante, mais separados, mais desintegrado o homem se tornava. Essa separação foi ficando cada vez mais forte *no lado de cá do mundo*. As crenças foram substituídas pelas ciências e, aquilo que não tinha explicação, entrou em processo de extinção.

Com uma sociedade dividida e sem tempo livre, foi preciso criar instituições para as crianças, jovens e velhos pela nova impossibilidade do adulto de dedicar-se àqueles que estão em desenvolvimento ou daqueles que já não fazem mais parte da chamada força produtiva.

A civilização ocidental passa pelo processo histórico do *desencantamento do mundo* utilizando o termo cunhado pelo sociólogo alemão Max Weber¹ que implica no afastamento da religião da magia inerente a ela. A magia que compõe a religiões vai sendo substituída pela prática religiosa fundada numa ética mundana. A ciência e a razão passam a prevalecer, deixando de fora o mistério e o encantamento. A racionalidade passa a determinar os vínculos e a relação de perdas e ganhos passam a nortear as múltiplas áreas da vida.

Em oposição à magia, o trabalho/labor passa a ter um lugar estabelecido dentro da religião, segundo Weber. Foi o que fez o protestantismo, diz ele ao observar os cinco pontos da ética protestante na Alemanha do século XVI: 1) Ascetismo; 2) Parcimônia; 3) Discrição; 4) Poupança e 5) Vocação. O primeiro refere-se à disciplina; o segundo à precaução; o terceiro ao discernimento; o quarto ao acúmulo material; e o último item, que está relacionado ao *chamado divino*, é a vocação do homem ao *trabalho*.

Assim como na ética protestante, em que não é possível encontrar espaço para o desenvolvimento espiritual desconectado do racional, na lógica intensificada pela revolução industrial, o homem passa a não ter mais direito ao tempo livre. Termos como *ócio*, *vagar*, *divagar*, que não possuem conotação necessariamente negativa, ou adjetivos como *desocupado*, passam a ser usados com sentido de condenação. Esse uso pejorativo dessas palavras e rótulos passam a relacionar *tempo livre* com o sentido figurativo de *vagabundagem/vagabundo*².

Com o advento do pensamento cientificista, que separa as ciências exatas das ciências humanas, os métodos utilizados para analisar as ciências não-exatas passam incoerentemente a serem também embasados pelo raciocínio exato. É reflexo disso o sistema filosófico positivista, por exemplo. O Positivismo, do filósofo francês Augusto Comte no século XVIII, funda-se na consideração apenas do que é material e evidente, banindo a metafísica e o sobrenatural, em que a tendência é encarar a vida unicamente pelo lado prático.³

¹ Max Weber (1864-1920) em *Ética Protestante e o Espírito Capitalismo* (1904).

² va·ga·bun·do (latim vagabundus, -a, -um, errante), adjetivo e substantivo masculino: 1. Que ou quem vagabundeia ou tem vida errante. = NÔMADA, VAGAMUNDO; 2. Que ou aquele que não tem ocupação ou que não faz nada. = DESOCUPADO, OCIOSO, TUNANTE, VADIO; 3. [Brasil, depreciativo] Que ou o que age com desonestidade. = BILTRE, CANALHA, PATIFE; adjetivo: 4. Que é pouco constante. = INCONSTANTE, VERSÁTIL, VOLÁTIL, VOLÚVEL; 5. [Brasil, depreciativo] Que tem pouca qualidade (ex.: uísque vagabundo). = ORDINÁRIO. "vagabundo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/vagabundo> [consultado em 28-08-2020].

³ po·si·ti·vis·mo (positivo + -ismo), substantivo masculino: 1. Sistema filosófico que, banindo a metafísica e o sobrenatural, se funda na consideração do que é material e evidente; 2. Tendência a encarar a vida unicamente pelo

Ocorreu uma gradual compartimentalização da vida que divide o homem criando, por exemplo, uma medicina especialista, ramificada em especializações, fragmentada. O mesmo acontece com a educação, com a divisão do estudo em matérias e que não enxerga o aluno como um todo.

O fato é que tal lógica de organização desfavorece a criação artística – já que na arte tudo pode, tudo é possível. O encanto do mundo, a arte, pressupõe liberdade.

3. Trajetória

Começo minha jornada contando uma história, como não poderia deixar de ser.

3.1 A menina e a velha

A velhice, sempre me fascinou. Tive quatro avós e convivi com eles durante a minha primeira infância com bastante intensidade. Eles eram divertidos, nos davam presentes, proporcionavam momentos e lazer e alegria, quebravam a nossa rotina, minha e do meu irmão, e aliviava a pressão imposta pelos pais. Mas, a velhinha que me chamava mais atenção era a minha bisavó, que morreu aos 94 anos, quando eu já tinha 18.

Era um mistério a avó Eguilhermina, com sua pele muito fina e branca, seus cabelos ruivos, sua estatura baixa, seu sotaque alemão, seus passos arrastados e lentos, muito lentos. Ela quase não enxergava, e só ouvia o som da televisão. Minha bisavó não fazia muita coisa. Sua diversão era jogar um jogo de tabuleiro alemão, com regras bem simples. Eu era sua única parceira... não que eu fosse uma criança que gostasse de sentar numa cadeira e ficar esperando os movimentos do outro jogador, ainda mais uma pessoa idosa que já não tem mais pressa alguma de viver. O que eu fazia era calçar os patins, deslocar a peça no tabuleiro, e patinar pelo quintal da casa no bairro de Moema quando ainda havia um bosque e um rio que, hoje, está abaixo da Avenida Bandeirantes. Patinava pelo corredor longo que margeava a casa comprida dando num pátio que me permitia fazer algumas manobras. Eu entrava pela cozinha, corria o corredor interno da casa, chegava no seu quarto e perguntava bem alto “Vó! Já jogou?”. Às vezes ela dizia “Ainda não”, e eu continuava a deslizar nos meus patins. A brincadeira consistia em ver quantas voltas eu dava no quintal antes que a avó movesse a peça no jogo. Com o tempo, foi ficando mais difícil para ela enxergar as peças.

lado prático. "positivismo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/positivismo> [consultado em 28-08-2020].

Pedi para minha tia, que era pintora, colori-las com rosa choque e, assim, ela conseguiria ver melhor e dar continuidade ao nosso jogo dominical.

Eu gostava de admirar sua mobília de madeira escura, lisa, maciça, suas roupas de seda, roídas pelo tempo, mas que ainda conservavam um colorido forte. Suas roupas já não cabiam, sobravam nos ombros. E tinha uma feridinha no nariz que nunca curava. Nascia uma casquinha, ela cutucava e a casquinha se formava de novo. Esse conjunto me dava a sensação de que minha avó era uma espécie de palhaço de cabelos ruivos, roupas largas e coloridas e uma feridinha no nariz. Ela não falava muito, mas todo aquele cenário me colocava num mundo fora do mundo.

Um dia, ela estava de pé no corredor aparando as mãos nas paredes e movimentando as pernas alternadamente. Eu perguntei “Vó! Que está fazendo?”. Ela respondeu “Ginástica!”.

Um outra vez, ela dormia na espreguiçadeira da varanda. Eu cheguei bem perto e pensei que, se estivesse morta, ninguém perceberia. Saí correndo pelo corredor, cheguei até a garagem onde estavam minha mãe e minha tia conversando e disse que a avó havia morrido. Elas saíram correndo, chacoalharam a velha. Eu rolei no chão de tanto rir.

Em outra ocasião, seus dias monótonos foram surpreendidos novamente. Ela resolveu sair para dar um passeio na rua tateando o portão, sentindo os muros das casas, deu uma volta no quarteirão. Ninguém notou sua ausência, ela só era procurada na hora das refeições, quando recebia sua comida no quarto. Ela comia num carrinho de chá antiquíssimo. Até hoje sinto não ter lembrado de ficar com esse móvel quando desmontaram a casa em que meus avós moraram por tantos anos. Bem, naquele dia, ela voltou para casa, com sua roupa de palhaço, sua pantufa forrada de pele e uma nota, uns 10 reais de hoje talvez. Ela balançava a nota na mão e falava sorrindo: me deram um dinheiro!

Era difícil, para mim, acreditar que a avó Eguilhermina tinha sido uma mulher alta, liberal, dentista prática (como se dizia, por ter não ter formação acadêmica), com algumas posses e que morava numa casa bonita na Alameda Lorena com banheira e banheiro interno.

3.2 A menina e a arte

Nasci numa família que tem o senso prático e a sobrevivência como peças centrais da vida. Sou descendente de imigrantes que batalharam muito pela sobrevivência. Isso não quer dizer que não havia alegria no viver. Sim, principalmente nas festas cheias de comidas gostosas. Mas não lembro

de ninguém tocando um instrumento, declamando alguma poesia ou fazendo alguma dramatização. Eram atividades para os mais abastados, que tinham um piano na sala ou estantes cheias de livros. Na minha casa, só tinha dicionários e enciclopédias. Os artistas ou esportistas eram vistos com desconfiança. Um tio do meu pai queria ser jogador de futebol. Seria severamente punido se o pai soubesse que andava jogando bola por aí. Não houve registro de ninguém que quisesse ser artista além da minha tia Jacy, que pintava quadros belíssimos. Mesmo assim, ela acabou se dedicando ao artesanato para poder vincular a arte a um valor monetário que pudesse lhe dar algum sustento.

Na mesma casa em que convivi com minha bisavó Eguilhermina, vivia minha tia, com seus quadros, pincéis, tintas e muita bugiganga que ela transformava em objetos mágicos. Era, na garagem da casa, seu ateliê e escola de pintura onde eu podia rabiscar quantos papéis eu quisesse, borrar quantas telas eu pudesse e, assim, transformar minha realidade, recriar a vida com arte.

Nas noites frias tomávamos chá de erva cidreira e assistíamos algum filme na TV. Ou íamos ao cinema ver um musical da Disney. Essas foram as referências de arte e histórias na minha infância. É curioso como, quando criança, ouvia a repreensão dos adultos: “Menina, *para de fazer arte!*”. Ou quando ficava muito quieta, alguém dizia: “Deve estar *fazendo arte!*”

3.3 A menina e a escola

Quando cresci um pouco, buscava arte na escola. Olhava ao redor e não encontrava muita coisa. Para mim, era mais interessante ver o bigode do professor de matemática subir e descer do que as equações que tentava ensinar. Passava a manhã pensando como eu iria pular o muro da escola e visitar o asilo ou o orfanato ao lado.

Minha escola, em Niterói, foi casa de veraneio de D. Pedro II. A parte antiga do prédio virou asilo e orfanato. A parte nova era a escola. O meu maior interesse era bisbilhotar o que restou da passagem de D. Pedro por ali. Havia uma sala com quadros da realeza, cadeiras de Jacarandá, objetos antigos e até pedras perdidas que pareciam preciosas aos meus olhos. Lembro de uma capela antiga, de corredores enormes, pé direito alto e portas pesadas. Lembro-me de uma porta entreaberta: lá, eu via os velhos nas camisolas brancas, deitados, sentados, comendo ou dormindo. Como viviam? O que faziam? Eu ficava perambulando de lá para cá naquele túnel do tempo e vivia um tempo que não era meu. Um dia me pegaram. “O que você procura, afinal”? Respondi que queria conhecer a casa. Responderam-me: “Ok, então! Mas, quando terminar, pode voltar para a

aula!”. Acho que não sabiam muito o que fazer comigo. Aliás, alunos como eu eram um problema numa escola que não tinha muita arte na grade curricular.

Havia um vazio, uma lacuna que eu buscava preencher ao pular o muro da escola.

3.4 De aluna a professora

Aos 17, comecei a dar aulas de inglês para adultos. Minha experiência como aluna entediada, tanto na escola como no curso inglês, me levou a querer *fazer a diferença* como professora. Mas, antes, foi o encontro com *Cris*, em um curso de imersão nos EUA, que me despertou a vontade de ser professora um dia.

A *Cris* só falava inglês em aula. Talvez não soubesse outro idioma. Os alunos eram todos estrangeiros de diversos países, na maioria executivos. *Cris* me impressionava com os seus gestos largos, sua risada, sua agilidade. Se movimentava pela sala de aula alternando falas de personagens que criava para se fazer entender. Nenhum aluno tinha dúvida sobre o que falava. Cativava, estimulava e ainda divertia os alunos além de ensinar *sem* o uso da tradução ou de explicações complexas sobre gramática. Pensei: “Isso eu faria”! Foi assim que comecei a dar aulas para adultos cuidando de tornar as aulas interessantes e divertidas.

Depois de muitos anos como professora de conversação, foi possível constatar que: 1) Contar e ouvir histórias em inglês durante as aulas era algo que ocorria naturalmente – os alunos gostam e precisam falar de suas experiências; 2) A aula de idiomas é, muitas vezes, um momento para *dar uma pausa* na rotina – reclamar do chefe, refletir sobre a vida, conversar sobre coisas que, talvez não fosse confortável em outra situação; 3) Os alunos mais criativos eram aqueles que conseguiam se comunicar num idioma que ainda não domina; adultos que se permitiam brincar, jogar, errar, se desenvolviam com mais facilidade na comunicação *em outra língua*.

4. Oficina *Vivência com Histórias*

Ao assumir uma turma de idosos – no Núcleo de Convivência para Idosos (NCI) uma vez por semana, numa oficina de contação de histórias intitulada *Vivência com Histórias* – trazia comigo a vontade de contar histórias e trocar experiências que poderiam, além de simplesmente *passar o tempo*, divertir, recordar, brincar, cantar, instruir, ampliar horizontes, ressignificar a vida passada

e a presente valorizando *também o agora*. Pouco a pouco foi se compondo um curso que envolvesse momentos de cantoria, desenho, caminhadas de histórias, roda de causos, entre outras atividades.

A turma era formada principalmente por mulheres acima dos 70 anos – e apenas um homem; algumas, bem lúcidas e ativas, e outras nem tanto; algumas desacompanhadas, outras vinham com suas cuidadoras.

No início da oficina, os alunos iam e vinham por razões diversas. Levou alguns meses até formar-se um grupo assíduo, que foi de fato se configurando conforme trabalhávamos laços de confiança, enquanto íamos nos conhecendo melhor através especialmente das *rodas de conversas* que seguiam as histórias.

Como um curso/oficina de contação de histórias, também havia um objetivo, mesmo que secundário, de ensinar a contar histórias em público. No início, foram apresentados aos alunos contos curtos, com narrativas simples com o objetivo de exercitar o *contar e reconta/r*. Alguns exemplos de contos muito apreciados e bem recebidos por esse grupo foram *Caldo de Pedra*, *o Céu e o Inferno*, *O varal da vizinha*.⁴

5. O Velho

Velho é aquele que tem muito tempo de vida ou de existência, que data de época remota, antigo⁵. Mas não apenas; o termo também pode conotar algo que se contrapõe ao moderno. Essa é uma das razões pela qual o termo *idoso*⁶ (“aquele que tem muitos anos de vida”) passou a ser adotado, evitando o sentido conotativo da palavra. O antigo *velho* tornou-se o atual *idoso*. Da mesma forma, a antiga *velhice* tornou-se a atual *terceira idade* ou, ainda, *melhor idade*.

⁴ Tais contos são histórias populares de tradição oral, cujos links de acesso online são: 1) *Caldo de Pedra* – Disponível em: < <https://www.mitologia.pt/a-lenda-da-origem-da-sopa-da-pedra-281256> >. Acesso em: 30/07/2020. 2) *O Céu e o Inferno* – Disponível em: < <https://olharbudista.com/2019/05/20/conto-ceu-e-inferno/> >. Acesso em 30/07/2020. 3) *O varal da vizinha* – Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/contos/1720654> >. Acesso em: 30/07/2020.

⁵ ve-lho (adjetivo): 1. Avançado em idade; 2. Feito ou que existe há muito tempo; 3. Muito usado; 4. Que não está na moda ou que não acompanha o que se passa em determinada área = ANTIGO, ANTIQUADO, DESATUALIZADO, OBSOLETO, ULTRAPASSADO (...). "velho", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/velho> [consultado em 28-08-2020].

⁶ i-do-so (adjetivo e substantivo masculino): Que ou quem tem idade avançada. "idoso", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/idoso> [consultado em 28-08-2020].

Além disso, diferentemente do termo *velho*, que é um mero adjetivo utilizado para complementar qualquer substantivo, a denominação de *idoso* não apenas adjetiva, mas eleva o velho ao *status* de *idoso* – o que é parte da tentativa de devolver a eles um lugar de importância na sociedade. Tal alteração terminológica inaugura uma nova era sem precedentes – em que inovações tecnológicas proporcionam melhores condições de saúde e, conseqüentemente, qualidade de vida e maior longevidade – numa tentativa de *ressignificar* a velhice no mundo de hoje.

Como parte da descoberta dessa nova velhice (combinada a um mercado de consumo voltado para esse novo público alvo) muitos idosos passam a buscar o rejuvenescimento, a superação física, o retorno à máquina produtiva, até mesmo a competição com os mais jovens. Este novo movimento *inclusivo* dos velhos, busca aproximá-los da sociedade jovem, descaracterizando-os. Na tentativa de reincluir o velho, cuja importância foi sendo desvalorizada historicamente, a sociedade acaba deformando o papel orgânico da velhice.

Amadou Hampâté Bâ⁷ (Bandiagara, 1901 – Abidjan, 1991), mestre da tradição oral africana, disse: “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”. Nas sociedades ditas *primitivas*, o velho tem uma função bem específica e primordial para a sobrevivência de sua tribo: é o guardião do passado. Ele que viveu, experimentou, testemunhou e está apto a transmitir o conhecimento adquirido. E, quando há algum problema na tribo, é o velho sábio que traz a solução.

Vale dizer que lembranças, por sua vez, são feitas de imagens, cheiros, sensações, emoções, cores, ritmos, sombras, luzes – quadros pintados em movimento. Basta uma cor, um odor, e lá estão elas: as lembranças correm para o presente e *nos presenteiam*. Mas, para que isso ocorra, mesmo que espontaneamente, é necessário algum tempo para colher as lembranças e evocá-las. Encontra-se esse tempo na velhice.

Outro dia, numa fila de caixa, *pesquei* a conversa de duas mulheres *acima dos 50*. Uma dizia à outra que procurava *matar o tempo* fazendo toda espécie de cursos. A outra confirmou que também fazia o mesmo e, depois de um longo suspiro, disse: “Me arrependi de ter me aposentado. Se soubesse que era assim, estaria trabalhando ainda”.

⁷ *Biography of Amadou Hampate Ba*, in *World Wisdom* [online]. Disponível em: < <http://worldwisdom.com/public/authors/Amadou-Hampate-Ba.aspx>. > Acesso em: 28/07/2020.

É possível perguntar-se retoricamente: não seria justamente essa fase da vida (além da infância) – em que finalmente há tempo livre para os devaneios da vida? Em que momento o velho foi desconectado de seu papel de sábio, de *homem de conhecimento*?

5.1 O perfil do velho hoje

No centro de acolhimento aos idosos, foi possível observar, de forma geral, dois tipos de comportamento: os *faladores* (que pouco ouvem e recorrentemente repetem histórias e conselhos); e os que nada dizem (ou quase nada). Os *faladores* são mais desafiadores e extrovertidos, enquanto os outros representam uma minoria com personalidade mais retraída. Nesse segundo grupo, alguns velhos quietos nos seus cantos chegam a ficar chateados de serem “*obrigados*” a estar em meio ao barulho, ao excitação.

Um contexto em que a maioria fala demais, poucos escutam e os *saberes* são meras repetições de uma *cartilha da boa moral* lembra, em certa medida, os diálogos dissonantes da peça teatral *Esperando Godot* (1952), do escritor irlandês Samuel Beckett (1906-1989), em que dois velhos procuram *passar o tempo* enquanto esperam por *Godot*. O suposto *Godot* (que nunca chega) consiste numa metáfora para *o sentido da vida*, Deus, ou a morte talvez.

Ali, os personagens repetem suas ações num contínuo jogo dramático, em que o humor quebra com a monotonia. O absurdo captado por Beckett nos diálogos desencontrados entre *Vladimir* e *Estragon* sugere que sejam velhos, solitários em seus pensamentos individuais, seguindo em vidas desprovidas de sentido. Para iludir o tédio dos dias vazios e sempre iguais, falam um com o outro à exaustão, mesmo *sem terem nada a dizer* de fato, na tentativa inconsciente de *preencher o vazio da vida* (estado em que aparentemente nada se transforma).

Quando se deposita no futuro todo o sentido da vida, esta volta-se para o que está por vir – o que torna o homem um ser ansioso, pois está caminhando para um futuro que está dormente no presente. Sem a consciência de que tudo o que temos é o presente, como lidar com esse *agora vazio*, desprovido de sentido? Diante da morte, o que fazer? O que pensar?

Em *Esperando Godot* os dois tipos predominante de perfil são estereotipados por Becket. Na peça, *Estragon* é o desencorajado, materialista e amargo, enquanto *Vladimir* é o resistente e *intelectual*. O primeiro, representa o grupo dos que se fecham em suas casas, com chinelos e pijamas, se colocam diante da televisão, têm medo de sair de casa e vão perdendo a vida social. O segundo

representa os que negam os limites do corpo e da mente, são os ativos, aqueles que saem para os cursos, têm a agenda cheia, dançam, viajam e, no geral, tomam muito café.

Um dos alunos da oficina de contação no centro de idosos era o *Seu Orlando*, do tipo quieto.

5.2 Seu Orlando

Seu Orlando era assim: tinha os olhos estatelados, quase não piscava. Diziam que estava doente. A família deixava-o passar as tardes no NCI para ver se melhorava a sua comunicação. Quando convidava Seu Orlando para descer as escadas e se juntar ao grupo da atividade, ele respondia: “Mata o velho.” Essa era o jargão que ele usava para responder qualquer pergunta que lhe faziam. “Seu Orlando, vem comer um bolo!” Ele aceitava, mas dizia: “Mata o velho!”.

Durante a atividade, eu não sabia se ele escutava às histórias. Não sabia se ele não participava das rodas de conversa por algum problema motor ou timidez. Um dia, sugeri uma atividade em pares. Fizemos uma meditação para estimular memórias de infância: o quintal, os brinquedos, as brincadeiras. Em seguida, pedi para que contassem suas lembranças para o outro. Senti que seria difícil o Seu Orlando trabalhar com alguém do grupo, então eu fiz par com ele.

Fui fazendo perguntas para ver se ele me dava alguma pista. Peguei nas suas mãos e perguntei: “Quando o senhor era criança, brincava de quê? O que o Sr. mais gostava de fazer? E as respostas, aos poucos, compunham um quadro de sua infância, parte da sua vida.

Quando era criança, morava no bairro do Ipiranga (SP). Sua mãe trabalhava numa casa no Jardim Europa com arrumadeira. Ele ia junto e ficava no quintal da mansão brincando no jardim enquanto ela trabalhava na casa. As vezes sua mãe tinha que colher rosas do jardim. Ela dava a tesoura para o menino. Orlando adorava colher as rosas com a tesoura, um papel de importância. Quando cresceu, tornou-se contador e arrumou emprego no banco, onde trabalhou até se aposentar. Morava no conjunto de apartamentos dos bancários na avenida Ricardo Jafet.

Ao conseguir extrair peças de sua história⁸, concluí que Seu Orlando não dizia quase nada – além de seu bordão – pois não tinha espaço. Ainda mais estando no mesmo grupo de *Eunice*.

⁸ Com isso, quando cheguei em casa, compus uma história, fruto de minha imaginação – anexada a este ensaio (ANEXO 1).

5.3 Eunice

Eunice era uma metralhadora de palavras. Se deixasse, ela falaria o tempo todo, daria a aula ela mesma, pois era uma líder nata. Contaria suas histórias, suas experiências, nem precisariam de mim para continuar a oficina. Algumas colegas gostavam porque ela falava por todas. Era a *representante* da terceira idade. Como professora, eu tinha que ter jogo de cintura para equilibrar a participação de todos em aula e não roubar o espaço de Eunice.

Aos setenta e tantos anos, tirou o DRT de atriz, fazia comerciais, fez um curta metragem. E via a *Vivência de Histórias* como uma oportunidade de se apresentar publicamente, mostrar os seus dotes artísticos. Eunice era um modelo para o grupo – é tudo o que a vida moderna almeja no idoso: ativo, líder, participante, cheio de energia, falante, com iniciativa. Estava sempre com muita pressa, pois sua agenda estava lotada de atividades. Também distribuía muitos conselhos de como comer bem, viver bem, envelhecer bem. Era um verdadeiro manual. Mesmo assim, uma pessoa fechada quando se via diante do desconhecido – como os desafios que as histórias apresentam.

5.4 O velho, a morte e as histórias

Há muitas histórias na tradição oral que apresenta o velho como personagem de destaque, do velho sábio que, quando fala, todos silenciam, escutam.⁹

Um ditado popular africano diz: “mesmo que um hálito ruim saia de sua boca, deve-se sempre ouvir o que o velho tem para dizer”. As histórias trazem para o homem moderno o modelo de velho que perdemos com a modernidade relembrando a sociedade de sua função primordial de guardião e transmissor da memória, da sabedoria. É como que as histórias lhe devolvessem o lugar que perdeu. Ao contar para o público da terceira idade histórias cujos personagens chave para a trama são velhos sábios, o que se vê é o interesse, o brilho nos olhos. O velho se reconhece se sente validado.

Outro tema tabu na modernidade que as histórias inevitavelmente tocam é a morte. E, com sua proximidade, o assunto torna-se cada vez mais urgente na velhice. As histórias fazem o público

⁹ Três histórias da tradição oral que trazem o velho como personagem/tema dados como sugestão de leitura aqui são: 1) *A viúva de Kapilavastu*, por Warley Goulart (Vídeo no Youtube). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=8mMDWHMyhg4&feature=youtu.be> >. 2) *Livrar-se dos velhos* (Anexo 2), por Gislayne Matos (Vídeo no Youtube). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=fNL_mPAqcaQ >. 3) *A Mensagem* (Anexo 3).

encarar a morte de diversas maneiras, possibilitando até rir dela. Histórias sobre *morte* podem dar todo um novo sentido a ela, podendo tornar a *vida* mais leve já que negar a morte não ajuda o velho a envelhecer. Desmitificar a morte, dar um tratamento a ela ajuda, não só o velho, mas todos, a viver melhor e valorizar o ínterim da vida.

5.4.1 As histórias para os velhos

A recordação do passado é um *trabalho* do velho, muito mais do que uma distração. É o que diz Ecléia Bosi, em sua obra *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*¹⁰ (1979). Ela explica:

“O adulto ativo não se ocupa longamente com o passado; mas quando o faz, é como se este lhe sobreviesse em forma de sonho. Em suma: para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação.

(...)

[o homem que já viveu sua vida] Ao lembrar o passado, ele não está descansando por um instante das lides cotidianas, não está entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está-se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.” (p. 141)

Afim de embasar essa comparação entre o adulto ativo e aquele já passou dessa fase, Bosi cita Maurice Halbwachs¹¹, sociólogo francês da escola *durkheimiana*¹²:

“O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsua seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito. Em suma, o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto (...)” (p. 141)

As histórias *abrem a janela da memória*. Quando contamos ou ouvimos histórias, nos transportamos para outros lugares, tempos, outras realidades, ativamos lembranças já vividas, revisitamos situações, despertamos emoções. Esse material que submerge nos nossos corpos é rico em temas para roda de conversa. As histórias são pontes para trazer à tona questões que permeiam

¹⁰ *Memória & sociedade: lembrança de velhos*. Ecléia Bosi. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

¹¹ Maurice Halbwachs (1877-1945) foi um sociólogo francês da escola *durkheimiana* autor de *The Collective Memory*, publicado postumamente em 1950. Disponível em: <<http://marcuse.faculty.history.ucsb.edu/classes/201/CollectiveMemorySeminarHome.html#2>>. Acesso em: 27/07/2020.

¹² Referente ao antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês pai da sociologia Émile Durkheim – que formalmente, tornou a sociologia uma ciência junto de Karl Marx e Max Weber). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89mile_Durkheim>. Acesso em 29/08/2020.

a vida. Em um mundo onde o tempo é escasso, propiciar ao idoso a oportunidade de compartilhar histórias é preciosa. É a oportunidade de exercer as funções próprias de quem já muito viveu. O ancião tem um papel fundamental na formação da identidade do seu povo, pois é ele que traz para o presente a história que não estão nos livros, a história vivida.

6. Considerações finais

Com o advento da escrita, o homem que viveu e que conta a história perdeu importância já que tudo passou a ser registrado como documentação, tornando-se mais relevante do que a transmissão do conhecimento de geração em geração. Mais tarde, com a opressão dos modos de trabalho – a mãe exausta, sem tempo para si, para o autodesenvolvimento; o homem que passa a maior parte da vida dentro da fábrica ou do escritório –, quem tem tempo de *jogar conversa fora*, de trocar experiências, de divagar sobre as coisas? A natureza das coisas, a harmonia, as leis do universo se contrapõem à ordem linear do pensamento do homem moderno.

As histórias levaram os alunos da oficina a resgatar suas próprias histórias, fatos e lembranças *guardadas no baú da memória*, promovendo manutenção do emocional e exercitando criatividade, conexões cérebro, mente e espírito. Essa *ativação* da memória parece extremamente valiosa, um verdadeiro *tesouro*, ainda mais na fase final da vida.

Numa velhice em que a televisão pode ser a única companheira, – através dela se vê o mundo, seus horrores e maravilhas, que diverte e entretém com suas fórmulas repetitivas –, a tela torna-se um remédio para a dor, anestesia; é quase como uma droga que faz esquecer de nós mesmos, fazendo a vida passar mais rápido e se tornar ilusoriamente mais indolor.

Em um universo de idosos em que os menos falantes não ousam abrir a boca – pois não seriam ouvidos –, em que há um uso abusivo do café – que proporciona a sensação de energia para acompanhar a vida competitiva e produtiva do “jovem” mundo moderno – há pouco espaço disponível para a calma, a paz, a tranquilidade, arte, a criatividade e o *escutar* nas atividades para a terceira idade. Muitas vezes, o que lhes falta é simplesmente uma atenção especial, mais individualizada, e o curso de contação de histórias oferece espaço para isso, para uma maior inclusão do idoso, já que histórias agradam a todos, dos mais *ouvintes* aos mais *falantes*.

A experiência no centro para idosos, evidenciou o quanto é interessante poder ter as cuidadoras tendo contato com as histórias também. Elas prestam um serviço de cuidados gerais que está principalmente focado na higiene, saúde e segurança. No entanto, a parte social e afetiva acaba *deixando a desejar*. As histórias podem trazer um repertório mais rico às cuidadoras enriquecendo também as conversas e perspectivas do velho. A modalidade *histórias* deveria definitivamente fazer parte da formação de cuidadores e enfermeiros por seus benefícios sobre a autoestima e sobre as faculdades e saúde física e mental não só dos idosos, mas para qualquer idade.

Por fim, vale exaltar aqui que a vida é dinâmica, *multi* e interdisciplinar, é holística. A holística, o holismo, é a concepção, nas ciências humanas e sociais, que defende a importância da compreensão integral dos fenômenos e não a análise isolada dos seus constituintes, que concebe o indivíduo como um todo que não se explica apenas pela soma das suas partes, apenas podendo ser entendido em sua integridade.¹³

É preciso escutar os velhos. É preciso dar espaço para a conversa, para a troca de experiências. A atividade *Vivência de Histórias* consiste numa forma de fazer essa troca, de dar esse espaço aos velhos e suas histórias, de devolver para ele a oportunidade de exercitar a sua sabedoria, a escuta e a fala, de dar a atenção que precisam no tempo que lhes é próprio, ou seja, respeitando seu ritmo, abrindo espaço para as memórias e a releitura do passado e do presente.

¹³ ho·lis·mo (substantivo masculino): 1. [Medicina, Psicologia] Doutrina que concebe o indivíduo como um todo que não se explica apenas pela soma das suas partes, apenas podendo ser entendido em sua integridade; 2. Concepção, nas ciências humanas e sociais, que defende a importância da compreensão integral dos fenômenos e não a análise isolada dos seus constituintes. "holismo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/holismo> [consultado em 01-07-2020].

Referências

ABDALLA, Lilian A. *Oficina "Vivências com Histórias"*. In: *NCI*, 2019, São Paulo (SP), Núcleo de Convivência para Idosos (NCI) – Vila Mariana.

BECKETT, Samuel. *Esperando Godot*. São Paulo: Abril, coleção Teatro Vivo, tradução de Flávio Rangel, 1976.

BIOGRAPHY OF AMADOU HAMPATE BA, in *World Wisdom [online]*. 2008-2020. Disponível em: < <http://worldwisdom.com/public/authors/Amadou-Hampate-Ba.aspx>. > Acesso em: 28/07/2020.

BOSI, Ecléa. *Memória & sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

GOULART, Warley. *A viúva de Kapilavastu*. 2020. (7min46seg). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=8mMDWHMyhg4&feature=youtu.be> >. Acesso em: 28/08/2020.

HALBWACHS, Maurice. *The Collective Memory*. New York: Harper & Row, 1980.

MATOS, Gislayne. *Livrar-se dos velhos*. 2020. (15min52seg). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=fNL_mPAqcaQ >. Acesso em: 28/08/2020.

sem autor: CALDO DE PEDRA. *Mitologia em Português*, 2004-2020. Disponível em: < <https://www.mitologia.pt/a-lenda-da-origem-da-sopa-da-pedra-281256> >. Acesso em: 30/07/2020.

sem autor: O CÉU E O INFERNO. *Olhar Busdista*, 2007-2020. Disponível em: < <https://olharbudista.com/2019/05/20/conto-ceu-e-inferno/> >. Acesso em 30/07/2020.

sem autor: O varal da vizinha. *Recanto das Letras*, 2009-2020. Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/contos/1720654> >. Acesso em: 30/07/2020.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

HOLISMO; IDOSO; POSITIVISMO; VAGABUNDO; VELHO, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]*, 2008-2020. Disponíveis em: < <https://dicionario.priberam.org/> >. Acessos em: 01/07/2020.

ANEXO 1

“O buquê”

Ele acordava bem cedo todas as manhãs. Sua mãe já estava pronta. Ele dormia de roupa, não usava pijamas, assim sua mãe não precisava trocar o menino tão cedo. Ainda meio sonolento, andava até o ponto de ônibus segurando a mão de sua mãe. Quando havia um banco livre, era um alívio pois Orlando já era bem grandinho para ser carregado no colo. Ela o colocava no banco para poder continuar dormindo até chegar no Jardim Europa.

Orlando achava que Jardim Europa era o do jardim da mansão de Dona Efigênia, só mais tarde entendeu que era o nome do bairro onde a patroa de sua mãe morava. Foi lá que Orlando passou a sua infância num enorme jardim onde cresciam flores magníficas. Enquanto sua mãe trabalhava na casa de Dona Efigênia, Orlando trabalhava na criação de seu mundo. Era o mundo das plantas e das flores.

Sua mãe às vezes trazia uma tesoura: “preste atenção Orlando, você deve cortar as flores no talo. Quando terminar me chame. Não vá se cortar, hein!” Orlando se sentia muito importante, pois podia escolher as flores mais belas e, com muita delicadeza, cortava o talo, assim, fariam um belo arranjo de flores que iria para a sala de estar.

Quando terminava, esperava ouvir Dona Efigênia dizer: “Mas ora, vejam só, como ele é caprichoso! Desse jeito, Orlando vai ser jardineiro quando crescer!” E ele não dizia nada, só pensava. Passou a infância pensando como seria trabalhar como jardineiro no Jardim Europa.

Depois, cresceu, foi para a escola, virou adulto. Um dia, passando de ônibus pela Av. Brasil, viu a placa “Jardim Europa” e se lembrou das manhãs que brincava no jardim de Dona Efigênia. Fechou os olhos e tentou se lembrar daquelas flores e até conseguiu sentir o aroma delas, ouviu a voz de sua mãe dizendo: “cuidado Orlando, não vá se cortar!”. Ecoou também a patroa: “desse jeito, vai virar Jardineiro”.

Quando abriu os olhos, tinha perdido o ponto. Desceu estrambelhado no ponto seguinte. Estava indo se encontrar com sua noiva e se deu conta que nunca havia comprado flores para ela. Entrou em uma floricultura, olhou ao redor mas não encontrou um buquê que o agradasse. Então, escolheu

flor por flor, pediu licença para escolher algumas folhagens e acabou compondo um buquê colorido com flores diversas.

Chegou atrasado ao encontro, mas ao ver aquele buquê tão original, sua noiva nem conseguiu protestar sua falta de pontualidade. Afinal, Orlando *nunca* se atrasara.

Orlando não se tornou jardineiro, queria mesmo era trabalhar para uma empresa, algo mais estável do que viver trabalhando *na casa dos outros*, como sua mãe fez durante tantos anos. Formou-se contador.

Conto composto pela autora deste artigo, Lilian Athie Abdalla dedicado a Seu Orlando, que foi seu aluno de contação de histórias em 2019 e faleceu.

ANEXO 2

“Livrar-se dos velhos”

Isso aconteceu há muito tempo, num lugar do Japão aonde os velhos quando começavam a ficar já muito velhos, eram levados para uma montanha gelada, muito distante daquela comunidade. Eles eram levados ali para morrerem, porque naquela altura já não eram capazes de produzir mais nada, o alimento era pouco. Então, se pensava que já que a comida era pouca era melhor que os velhos que já estão mais perto da morte e já viveram o tempo deles, sejam levados para morrerem de frio e de fome no alto da montanha. Vão para lá e esperam que a morte chegue.

Quando as pessoas iam ficando mais velhas, os pais, as mães... ficavam muito ansiosos e tristes porque eles começavam a pensar quando seria o momento que seus filhos os levariam para o alto da montanha gelada para que morressem ali, de frio e de fome. E começavam a se despedir dos netos, dos animais de estimação, das pequenas coisinhas. Enfim, davam adeus a tudo aquilo que tinha sido tão importante na vida deles: eles se preparavam para subir a montanha.

Acontece que havia nessa comunidade um jovem que quando chegou o momento de chegar os seus pais para subirem a montanha gelada, pensou: Não, eu não vou levar os meus pais, vou desafiar a lei. Então, ele os escondeu num sótão. E todos os dias ele ia ao sótão, levava comida para eles, conversava com eles, os abraçava quando ia embora e recebia as bênçãos da sua velha mãe. E assim, o tempo foi passando, até que chegou naquele lugar um ditador, um rei, que era um ditador. Sabe, os ditadores sempre aparecem nas histórias, em todas as épocas...

Esse ditador, um dia cavalgando pelos campos, percebeu que os moinhos de vento não estavam rodando suas pás e ele ficou muito incomodado com aquilo. Chamou um moleiro e perguntou porque as pás não estavam rodando, se os moinhos tem que rodar. O moleiro disse: Excelência, eles não rodam porque não tem vento. Pois bem, amanhã, não me interessa, vocês façam esses moinhos rodarem, senão eu os castigarei. Ele foi-se embora e o moleiro ficou totalmente apavorado: Como fazer um moinho rodar sem vento. Então ele se reuniu com todos ali e contou o que havia acontecido, que o rei queria que o moinho rodasse. Todos ficaram desesperados sem saber o que fazer, porque se eles não obedecessem às ordens daquele tirano... tiranos não suportam serem desobedecidos... então poderia ser grave o castigo que eles ganhariam. Então, aquele jovem

rapaz que estava naquela assembleia com todos eles, sem saber o que fariam naquela ocasião disse: “não se preocupem, amanhã quando o tirano vier, eu resolvo o problema.”

A noite ele foi ter com os pais no sótão e lá disse para eles o que havia acontecido. O pai respondeu: “olhe, meu filho, isso não é problema algum, quando o tirano chegar você diga para ele que vocês tentaram fazer o moinho rodar mas que o moinho disse pra vocês que ele só poderia rodar se o rei, que é muito mais poderoso que vocês e que o próprio moinho, trouxer o vento, assim ele pode rodar. Claro, que com tanto poder, só o Rei pode fazer o vento ventar.”

Assim foi feito, ele foi para a praça, no dia seguinte, o rei chegava, todos estavam ali reunidos e o rei então disse: “porque o moinho não está rodando, porque vocês não fizeram o moinho rodar?” O rapaz se apresentou e disse: “mas majestade, mas justamente, estávamos indo ao palácio encontrar com V.Sa. Majestade, V.Sa. Excelência, para levar o recado dos moinhos. Os moinhos disseram que eles podem sim voltar a rodar, desde que o rei faça o vento soprar sobre eles.”

Quando o rei escutou essa conversa ele não tinha o que fazer. Ele deu meia volta no seu cavalo e foi-se embora para o seu palácio.

Dizem que ele sofreu uma grande transformação depois disso, começou a pensar que talvez o poder dele não fosse tão grande assim. Que talvez ele não tivesse poder sobre todas as coisas. Mas com relação a isso a história não fala mais nada.

Quanto ao povo naquela praça, perguntaram ao rapaz: “de onde você tirou essa ideia que nos salvou?” Ele então contou para eles que ele não tinha levado seus pais para morrerem na montanha gelada, e que foi o pai dele que disse a ele para dar essa resposta ao tirano. Em seguida a mãe o abraçou como fazia todos os dias. O que dizem é que a partir desse momento as pessoas daquele lugar decidiram que não mais obedeceriam àquela lei, que não mais levariam os seus pais para morrerem na montanha gelada quando chegasse a hora deles. Eles guardaram os seus velhos e ao guardarem os seus velhos eles entenderam que um velho pode não ter mais tanta força de produção, mas é ele que tem a sabedoria.

História contada e transcrita pelas palavras da contadora Gislayne Matos (Vídeo no Youtube). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=fNL_mPAqcaQ >. Acesso em: 30/07/2020.

ANEXO 3

“A Mensagem”

Quando a morte chegou na terra, os homens caíram numa grande tristeza. Eles não cantavam mais, não dançavam mais, não comiam mais... Eles apenas choravam. Choravam pelos seus entes queridos que a morte levava, mas também por medo do dia em que eles próprios seriam levados por ela.

Do alto do céu, a lua foi testemunha de sua grande desesperança. Ela amava os homens, com seus cantos e danças alegres, e quis consolá-los. Chamou a borboleta da noite, que sempre ficava voando em torno dela, e pediu-lhe que fosse sua mensageira.

— *Voe até a terra e diga aos homens: “Minha senhora, a lua, pede que vocês não se aflijam, porque vocês são como ela, que morre e renasce, morre e renasce. Como ela, vocês morrem para melhor renascer”.*

A borboleta repetiu a mensagem duas ou três vezes, para estar segura de que a tinha decorado. Depois, muito feliz por ser a mensageira da boa notícia, voou a plenas asas.

A lebre estava justamente tomando a fresca, quando a borboleta aterrissou.

— *Ué, borboleta... O que aconteceu, para que você esteja tão sorridente e, ao mesmo tempo, tão cansada? Suas asas estão no fim das forças!*

— *É que venho da lua, trazendo uma mensagem importante,* disse a borboleta, parando de falar para respirar e também para surpreender a lebre, pois, afinal, não é sempre que uma borboleta é escolhida como mensageira da lua.

— *Mas você nem tem mais voz, minha amiga! Você nunca conseguirá fazê-los escutá-la. Repouse, que eu vou levar essa missão até o fim para você,* disse a lebre, saindo em disparada.

E, como estava muito cansada, a borboleta não conseguiu alcançar a lebre.

Chegando à aldeia, a lebre bateu as patas, estufou o peito e gritou:

— *Homens e mulheres! Velhos e crianças! Venham todos aqui! Eu tenho uma mensagem da lua para vocês.*

Todos correram e fizeram uma grande roda em torno da lebre que, muito vaidosa por estar no centro das atenções, raspou a garganta, estufou ainda mais o peito e, depois, não se sabe se por desatenção ou maldade, declarou:

— *Minha senhora, a lua, pede que vocês se aflijam, porque vocês não são como ela, que morre e renasce. Vocês, quando morrem, morrem mesmo.*

As pessoas ficaram aterrorizadas com as palavras da lebre. Sua última esperança desaparecera. Então, elas saíram dali para chorar ainda mais, para compor marchas fúnebres ou para se afogarem na bebida ou nas besteiras.

Quando a lua compreendeu o que a lebre fizera, tremeu de raiva, pegou o primeiro pedaço de pau que viu pela frente e atirou-o na lebre. É por isso que, até hoje, a lebre tem o nariz partido. Mas os homens nada compreenderam e ainda hoje nada sabem sobre o nariz cortado da lebre. Também não compreendem o sorriso da lua, quando ela os olha à noite. Eles continuam se entristecendo, bebendo e fazendo besteiras... E, tudo isso, porque eles acreditaram na lebre, em vez de olharem a lua.